

Eleição na Câmara poderá surpreender

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Todos os raciocínios lógicos conduzem à eleição do deputado Ulysses Guimarães para a presidência da Câmara, patamar que o fará, logo depois, presidente da Assembleia Nacional Constituinte. O presidente José Sarney o apóia, os ministros do PMDB e do PFL trabalham por sua candidatura, nem um governador de Estado sequer, opõe-se à sua pretensão. Junte-se a essa estrutura o fato de o parlamentar paulista ocupar o mais alto pedestal da Nova República, grande chefe da resistência contra o autoritarismo e responsável direto pela eleição de Tancredo Neves e José Sarney, em 1985. É credor da Nação. Faz muito que vestiu o figurino dos patriarcas e mantém um comando seguro sobre o maior partido nacional, detentor da maioria absoluta dos novos deputados e senadores.

No entanto, não há lógica na política brasileira, e as surpresas, de vez em quando, acontecem. A aventura do deputado Fernando Lyra, candidatando-se à presidência da Câmara, parecia até pouco brincadeira ou manobra hábil do ex-ministro da Justiça para posicionar-se no cenário político. Afinal, ele não tem nada a perder, incompatibilizado que está com o Palácio do Planalto e a direção do PMDB. Nada receberia, em termos de poder e de prestígio, se permanecesse docilmente alinhado com a ortodoxia da Nova República, apoiando a candidatura de Ulysses Guimarães. Irriquieto, porém, e mais do que isso, vendo longe, Lyra apresentou-se. Mesmo derrotado, obteria dividendos. Passaria a liderar um núcleo de inconformados do PMDB, aqueles setores mais à esquerda da Direção Nacional, independentes ou não. Situar-se-ia, desde já, como uma das opções mais fortes para a sucessão pernambucana de 1990.

Assim estavam as coisas, até esta semana. Pois não é que podem mudar? Não parece mais tão fora de propósito a vitória de Fernando Lyra sobre Ulysses Guimarães, o que fará desmoronar boa parte da arquitetura da Nova República. Ou o veterano deputado abre o olho e começa a trabalhar naquele esquema a que sempre foi infenso, de procurar e adular bancadas, convidar deputados novos e velhos para almoços e jantares, chamá-los pelo nome e até preocupar-se com o dia-a-dia de cada um, ou arrisca-se a uma surpresa. Vale repetir, a lógica não nos faz duvidar de sua vitória, mas, sem a lógica, tudo é possível.

Ao eleger-se para a presidência da Câmara, em 1985, Ulysses Guimarães enfrentou Alencar Furtado, outro dissidente do PMDB. Parecia a luta do elefante contra a formiga, registrando-se, há dois anos, as mesmas condições de hoje. Alencar movimentou-se pouco, confluiu mais em sua imagem do que no trabalho de sapa, mas, mesmo assim, a diferença entre a sua derrota e a vitória de Ulysses foi de apenas 25 votos. Lyra desenvolve outro estilo. Vai de deputado em deputado. Viajou por diversos Estados, no começo do mês, contactando as bancadas recém-formadas. Agora, plantou-se em Brasília e não perde um avião que chega. No aeroporto da Capital podem ser vistas as "lyretes", jovens de excepção

nal aparência com broches e distintivos da candidatura do ex-ministro da Justiça, ajudando os deputados que chegam a carregar malas, orientando-os para as conduções e os gabinetes dos funcionários destinados a recebê-los. A promessa do candidato dissidente é de reforçamento do prestígio da Câmara, e, na intimidade, estará até mesmo prometendo certas mordomias.

Lyra não disputará a eleição no âmbito do PMDB. Sabe estar derrotado. Mas quer bater chapa no plebiscário, isto é, valer-se do apoio de outros partidos, a começar pelo PFL. E aqui as coisas podem engrossar, para Ulysses Guimarães. O PMDB tem 260 deputados, em 487. O PLF, 118, somando-se a eles 33 do PDS, 24 do PDT, 17 do PTB, 16 do PT, seis do PL, cinco do PDC, três do PCB, três do PC do B, um do PSB e um do PSC. Os liberais ressentem-se da maciça presença peemedebista, mais da metade do total. Querem bons lugares ao sol, como no passado, e não apenas a ponta da toalhinha da mesa de banquetes. Os demais partidos também identificam no PMDB o leão que ficará com a maior parte de tudo. É junto a eles que o parlamentar pernambucano trabalha 24 horas por dia. Aumenta o diapásio de suas críticas à gestão de Ulysses na presidência da Câmara, acusando-o de não conhecer nem a metade da antiga Câmara pelo nome e, provavelmente, hoje, de não conhecer 10% dos recém-eleitos. Também atua no plano jurídico, contestando a possibilidade da reeleição do parlamentar paulista, em função de artigo constitucional. Até a lei é hoje lembrada por ele, mesmo a lei espúria dos tempos da ditadura. Sustenta o seu cumprimento obrigatório até que seja mudada. Assemelha-se, nesse particular, ao seu sucessor no Ministério da Justiça, Paulo Brossard, e talvez encontre meios para questionar no Supremo Tribunal Federal a prerrogativa do adversário, por sua vez calcada em pareceres da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara.

A cúpula do PFL deu apoio a Ulysses Guimarães, mas, quanto às bases, ninguém sabe. O voto é secreto, dá sempre uma vontade enorme de trair, como dizia Benedito Valadares. Mais do que isso, sabem os liberais ser o PMDB o seu grande adversário. Tanto nos Estados quanto no plano federal, o que conduz à hipótese de os governadores e os ministros influtrem menos do que pensam.

Desse quadro, uma consideração final: tudo indica que em 1º de fevereiro Ulysses Guimarães, por mérito e até por direito de precedência, será escolhido presidente da Câmara, base imprescindível para, um dia depois, eleger-se presidente da Assembleia Nacional Constituinte e, com isso, reduzir o ridículo da superposição de funções entre as duas entidades. Poderá, então, limitar ao mínimo imprescindível os trabalhos normais da Câmara e abrir as portas para um funcionamento quase integral da Assembleia Nacional Constituinte. Inclusive, sem a preocupação de disputar gabinetes, funcionários e espaços de poder com ninguém. Coisa que acontecerá se Lyra surpreender, e a surpresa, pelo menos, vem sendo posta neste final de janeiro.

O.C.